

Mimesis Corpórea – O Primeiro Passo

Raquel Scotti Hirson
Lume

O lance inicial de uma pesquisa de Mimesis Corpórea¹, centrada na observação, é a escolha do observado. Há um caminho natural, que pode ser alterado, claro, mas que para mim tem como início a definição da temática a ser pesquisada. Escolhido o tema, busca-se o meio apropriado para o encontro com o observado. Ele pode estar em livros e exposições de pintura, fotografia, escultura; ou em determinada região de determinado país, cidade, bairro; ou espalhado em pontos específicos etc. Essa busca pode vir a tornar-se uma grande aventura. Viver cada instante dessa aventura é essencial para a observação, que se totaliza pela observação precisa de ações, mas também de todo o ambiente que as cerca; que tem cheiro, gosto, sensações diversas.

O que relatarei aqui é exatamente essa aventura que cerca a observação. Uma viagem à Amazônia, com duração de 40 dias, onde o foco da observação estava nas pessoas que habitam as margens dos rios do Estado em questão. O objetivo: colher material para um intercâmbio com a bailarina japonesa Anzu Furukawa, que seria permeado pela pesquisa de Mimesis Corpórea e o estudo do romance de Gabriel García Márquez, “Cem Anos de Solidão”. A equipe de viagem: Ana Cristina Colla, Jesser de Souza e eu.

Manaus

Na primeira hora do dia 24 de abril de 1997 chegávamos a Manaus. Durante o mês de abril, estudando detalhadamente mapas da região, já havíamos definido um ponto de partida para a nossa viagem: São Gabriel da Cachoeira, às margens do Rio Negro. Para tanto, havíamos feito contato com a Base Aérea de Manaus, no intuito de conseguirmos um voo de Manaus para São Gabriel da Cachoeira através da Força Aérea Brasileira. Nosso lugar no avião já estava

¹ A Mimesis Corpórea é uma linha de pesquisa do Lume que busca a imitação, codificação e teatralização da observação de ações físicas e vocais encontradas no cotidiano.

assegurado, mas ainda não tínhamos uma definição precisa da data de partida. Ficaríamos alguns dias em Manaus no aguardo da mesma.

Os dois dias que passamos em Manaus foram essenciais. Dedicamo-nos a organizar coisas práticas para a viagem, tais como a visita ao Hospital de Doenças Tropicais de Manaus, com o intuito de adquirirmos informações sobre a malária e os cuidados que deveríamos tomar.

Aproveitamos a Zona Franca para a aquisição de equipamentos necessários ao tipo de pesquisa a ser desenvolvida: walk-man e flash para máquina fotográfica. Adquirimos também, cada um, uma rede, objeto indispensável numa viagem como essa. Mochilas, sacos de dormir, cantis etc, já havíamos providenciado antes da partida.

Tivemos um encontro proveitosíssimo com os membros do grupo musical "Raízes Caboclas", cujos membros são do Amazonas e tocam e cantam o Amazonas. Além de nos falarem muito sobre as histórias da região, eles nos deram dicas a respeito de quais localidades poderíamos visitar, além de contatos importantes que poderíamos fazer em cada uma dessas localidades.

No dia 26 de abril, decolamos num avião Bandeirante da F.A.B. (Força Aérea Brasileira) para um vôo de 2:40hs de duração em direção a São Gabriel da Cachoeira. No avião, somente nós três, uma tripulação de três pessoas e mantimentos para os membros do exército que guardam as fronteiras daquela região. Aterrissamos no aeroporto de Uaupés, que fica a 25 Km da cidade de São Gabriel e que está literalmente no meio da floresta. Aos poucos começamos a entender o quão perigoso era voar sobre a floresta, pois ainda não estavam instalados os radares de contato com os aviões e muitas pistas de pouso ainda não possuíam cobertura de asfalto (com a instalação dos radares do SIVAM, a situação atual pode estar diferente). O clima muito chuvoso também é um fator complicante, pois para decidir se vão voar, os pilotos contam somente com notícias que recebem através de rádio, a respeito do tempo no local do pouso. Além disso, é preciso ter doses cavalares de coragem e experiência de voar nessas condições.

Nesse pequeno estágio, conseguimos entender um pouco a respeito do papel da F.A.B em localidades pouco assistidas e, principalmente, de fronteira. A F.A.B colabora muito com o Exército, abastecendo os batalhões de fronteira e colaborando com as famílias

dos militares que vivem por lá. Por outro lado, também serve de socorro para os índios e populações ribeirinhas que não têm condições de higiene e recursos hospitalares. Por isso, quando chega um avião em São Gabriel, no caso, o nosso, ele fica por cerca de dois ou três dias fazendo transporte de passageiros e mantimentos pela região. Esses transportes são denominados "pernas".

São Gabriel da Cachoeira

Como já havíamos falado bastante com os militares da F.A.B a respeito da pesquisa que estávamos desenvolvendo, ao aterrissarmos no aeroporto de Uaupés, fomos convidados a participar das "pernas" que seriam feitas naquele dia. Por azar, ou talvez sorte, o tempo não colaborou, e só conseguimos fazer um vôo, para uma comunidade Yanomami chamada Maturacá, bem próxima a uma fronteira entre Brasil e Venezuela, onde está o Pico da Neblina. Ficamos somente 30 minutos em Maturacá e tivemos um rápido contato com algumas índias que se aproximaram do avião em busca de alimentos. De imediato pudemos perceber a carência daquele povo, principalmente porque estão próximos a um batalhão do Exército, em constante contato com brancos. Elas "voaram" em cima de nós para que fôssemos conhecer o artesanato feito por elas, mas como a caminhada era longa e tínhamos pouco tempo, somente conseguimos avistar de longe a comunidade deles.

Para que não tivéssemos dúvidas de que realmente estávamos dando início a uma grande aventura, na volta para São Gabriel, passamos por um susto enorme com nosso avião. Não estávamos mais viajando num Bandeirante, e sim num Búfalo, um avião maior, que transporta muita carga. Viajávamos com vários índios que estavam sendo transferidos para trabalhar numa obra e o avião estava cheio de pedaços de carne seca, que exalavam um cheiro terrível. Assim que o avião tocou no asfalto da pista, iniciou-se um vazamento de óleo hidráulico, que é o responsável, entre outras coisas, pelo leme do avião. Momentos de pânico, e foi preciso parar o avião no meio da pista para descermos imediatamente, pois uma grande nuvem de fumaça se alastrou. Não houve nada, mas o acidente poderia ter sido fatal se ainda estivéssemos no ar.

Conseguimos uma carona em uma perua do Exército, do aeroporto até São Gabriel. Junto conosco estavam várias esposas de militares, com suas crianças, e aproveitamos esse contato para

sondarmos a respeito de hospedagem na cidade. Ao chegarmos em São Gabriel, nos surpreendemos com o tamanho da cidade que encontramos, que tem cerca de 12.000 habitantes; bem mais do que esperávamos. Hospedagem, então, não foi um problema; havia três opções de pequenos hotéis. Visitamos dois deles e escolhemos aquele que tinha menos baratas visíveis, embora, ainda assim, tenhamos encontrado seis delas logo na primeira noite.

Naquela mesma noite ainda ficamos em contato com os militares da F.A.B, “sentindo o terreno em que estávamos pisando”. Acabou sendo um momento importante para entendermos o funcionamento de algumas relações humanas: as mulheres de lá exalam sensualidade e os militares adoram isso. As mulheres mais jovens sonham com uma oportunidade de sair de lá, entregando-se cegamente e subservientemente a eles. Sabemos que essa é uma realidade ainda bastante comum, mas foi a primeira vez que presenciei tão de perto algo assim e o que devo dizer, enquanto mulher, é que não foi fácil. O sentimento ainda se agravou quando, a caminho do hotel, passamos por um bar dançante e vimos os índios dançando música americana. Mesmo tendo ciência da situação dos índios hoje, eu não esperava encontrar um quadro de degradação tão grande. Passei minha primeira noite na Floresta Amazônica em prantos.

A Observação em si

Estes primeiros dias da viagem foram como momentos preliminares, onde nos preocupamos mais com questões práticas de acomodação, além de nos permitirmos simplesmente viver o significado de estarmos num local para nós tão distinto. Em seguida fomos em busca das pessoas.

Enquanto equipe, nos organizamos da seguinte maneira: eu era responsável por fotografar, o Jesser por gravar tudo em fita-cassete e a Ana Cristina por anotar todas as características e ações da pessoa observada; embora tivéssemos à mão outra câmera fotográfica e outro *walk-man*, para momentos mais conturbados. Esse material coletado é fundamental para a recuperação das ações das pessoas observadas, levando-se em conta a quantidade de material e o longo tempo existente entre o momento da observação e a retomada desta em sala. Além disso, ele se torna um material permanente, ao qual o ator pode recorrer diversas vezes.

Sr. Borges França - Nosso primeiro encontro foi com o Sr. Borges França; fomos até a casa dele através de algumas indicações. Essas indicações costumam surgir de maneira tranqüila, pois normalmente as pessoas já se mostram muito curiosas com aquelas presenças estranhas na cidade. No mais, basta demonstrar confiança e simpatia e dizer a que fomos. No caso, dizíamos que éramos pesquisadores da UNICAMP na área de Teatro e que gostaríamos de ouvir histórias de pessoas idosas. Encontramos o Sr. Borges em pleno cochilo após o almoço, mas ele nos recebeu.

Esse fato me fez lembrar que, no decorrer da viagem, fomos aprendendo muitas coisas relativas aos hábitos da região. Uma delas é que, por causa do forte calor, as pessoas costumam dormir após o almoço, gerando uma total falta de sucesso nas visitas que programávamos para esse horário. Então, resolvemos aproveitar esses momentos para descansar ou para colocarmos em dia nossas anotações.

O Sr. Borges é um índio da tribo Baré, já extinta. Ele não sabe falar sua língua nativa e conserva pouquíssimos dos hábitos de sua infância, pois foi educado em uma escola católica, em regime de internato. Posso dizer que hoje ele é um descrente. Sua educação fez com que ele acreditasse que a cultura dos brancos era muito melhor que a dos índios e que ele deveria seguir a doutrina católica. No entanto, quando tornou-se adulto, percebeu que os padres não seguiam os ensinamentos que pregavam, principalmente em relação à castidade. Esse tipo de decepção, provavelmente seguida de muitas outras, fez com que ele se tornasse uma pessoa muito desconfiada e distante.

Durante toda a nossa conversa ele falou muito baixo, com ar de segredo. Optamos por gravar sua voz sem pedir autorização, pois percebemos que ele ficaria ainda mais ressabiado. Dias mais tarde ficamos sabendo, através de uma família da tribo dos índios Tukanos, que durante vários anos a família do Sr. Borges negou totalmente a sua raça, exaltando a cultura branca. No entanto, como no momento atual existem muitas frentes de resgate e valorização da cultura indígena, os filhos do Sr. Borges resolveram se auto-denominar índios.

A tentativa de resgate da cultura indígena que vem sendo feita na Amazônia tem pontos um pouco distintos em cada localidade que passamos. Em São Gabriel da Cachoeira, por já ser uma cidade, onde

os hábitos indígenas ficaram bem distantes, existe um evento que eles chamam FESTRIBAL. Neste evento, tribos do Alto Rio Negro reúnem-se durante quatro dias para apresentarem suas danças e cantos. Num enorme galpão equipado com condições de luz e som, políticos e turistas se reúnem para assistir às apresentações que são, na realidade, uma representação de antigos rituais.

Mesmo com toda desconfiança, após algum tempo de conversa, Sr. Borges foi ficando mais tranqüilo e inclusive nos ofereceu vinho de açaí com farinha de mandioca tipo beijú, que tem forma de bolinhas brancas. O vinho de açaí é simplesmente o açaí bem amassado com um pouco de água. Por isso chegou a nossa vez de ficarmos desconfiados, pois havíamos recebido várias recomendações para não bebermos água, sem antes pingarmos as gotas de “hidroesteril” que levamos conosco. Naquela situação, só nos restava rezar. Fatos como esse tornaram-se corriqueiros e, por diversas vezes, bebemos água à maneira deles.

Um fator fundamental para a escolha de uma imitação é a identificação que surge entre o ator e o observado, podendo essa identificação se dar de diversas formas, quase sempre não explicáveis, pois às vezes uma forte repulsa pode despertar o desejo de uma imitação. No caso do Sr. Borges, ele não despertou esse interesse em nenhum de nós, por isso só fizemos algumas anotações referentes ao seu jeito manso e quase preguiçoso de se movimentar. As pernas abertas, a barriga acentuada e o arrastar dos chinelos deixavam transparecer uma completa falta de vontade de continuar investindo na própria vida. Apesar de tudo, ganhamos sua amizade e várias vezes passamos lá para um papo rápido e para colher jambo em frente à sua casa.

Um Presente da Sorte - No dia 28 de abril, começamos o dia fazendo uma visita à Prefeitura. As pessoas que conhecemos em Manaus haviam nos dito que quando chegássemos a qualquer cidade, o melhor era procurar a Prefeitura e/ou a Igreja para obtermos as melhores informações e apoio. Foi perfeito: nos apresentamos para o Prefeito e, embora no início da conversa ele tenha nos deixado um pouco desanimados, aos poucos fomos conquistando a sua simpatia e acabamos recebendo um convite inesperado para o acompanharmos até Yauaretê, pequena cidade na fronteira entre Brasil e Colômbia, mas que faz parte do Município de São Gabriel. A única questão era o

tempo que precisaríamos aguardar em São Gabriel, pois ele viajaria uns seis dias após a nossa conversa.

Ainda muito simpático, ele nos apresentou a um rapaz chamado Evandro, que se interessava muito por teatro e que podia nos levar até o representante da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN) para tentarmos outros apoios. Novamente tivemos sorte: fechamos uma viagem de voadeira (pequeno barco com motor) até Taracuá, um povoado indígena localizado entre São Gabriel e Yauaretê, para o dia 30 de abril. Como o Prefeito inevitavelmente teria que parar em Taracuá, ele nos pegaria e seguiríamos viagem com ele e sua comitiva. Estando recomendados pelo presidente da FOIRN, seria mais fácil nos estabelecermos no povoado indígena de Taracuá.

O Prefeito havia pedido ao Evandro que nos ciceroneasse naqueles dias anteriores à viagem. Acabamos criando um forte laço com ele e passamos a considerá-lo nosso “anjo-da-guarda”. Ele é um índio da tribo Tukano, de uma família que, embora influenciada por nossa cultura, ainda conserva com carinho certos hábitos e também o dialeto tukano. Em um discreto questionário que fizemos, para não assustá-lo, descobrimos que ele tinha uma avó interessantíssima para conhecermos.

D. Maria Fernandes - Fomos, então, à casa de D. Maria Fernandes Machado. De todas as pessoas que conheci na viagem, ela foi a que mais me impressionou; “a minha preferida”. No diário: “...passados alguns minutos, D. Maria chegou esbaforida. Ela tem aproximadamente 85 anos e é uma índia forte e muito especial. Não fala português e reclama muito de dores nas pernas e de solidão”. Ficamos tão absolutamente encantados com aquele encontro que praticamente metralhamos a D. Maria com todos os nossos sentidos e todos os nossos equipamentos. Ficamos pouco tempo, pois ela nos pediu um tempo até o dia seguinte para recordar histórias e canções, e para que a mãe do Evandro estivesse presente como tradutora. Em outros momentos também passamos por experiências assim; eles gostam de escolher os tradutores. Naquele caso ela preferia que não fosse o Evandro.

Não havia dúvida de que iria imitá-la; estava encantada com aquela figura e, mais do que isso, com a história de sua vida.

D. Maria é uma índia Dessana, da região do Rio Içana, onde há uma comunidade muito falada por onde andamos, de nome Pari

Cachoeira. Ela foi roubada por um índio Tukano e, por isso, sua família pertence a essa tribo. Com a chegada da Igreja Católica, seus filhos foram educados segundo essa religião e aprenderam a falar português. À medida que foram crescendo, sentiram necessidade de continuar os estudos e precisaram mudar para São Gabriel. D. Maria e seu marido continuaram vivendo em Pari Cachoeira, mas há aproximadamente vinte anos, ele faleceu e D. Maria foi morar perto dos filhos. Ela não se adaptou de forma alguma a essa nova realidade, não aprendeu a falar português e se sente presa morando em uma cidade e vivendo segundo os moldes dos brancos, pois é assim que vivem seus filhos. As poucas coisas que fala em português são referências a isso e à forte dor que sente nas pernas por causa do reumatismo. Entre elas:

“Muito triste eu, eu sozinha”

“Dói muito aqui, dói aqui, dói aqui, dói aqui...”

“Antes eu bonita, eu pintada aqui, aqui, aqui... agora não, agora eu feia, muito triste eu”.

No dia seguinte voltamos para passar uma tarde e outras vezes ainda voltamos. No início ela estava muito calada e com uma expressão triste, mas aos poucos foi ficando feliz com as recordações que foram surgindo e começou a soltar risadas de pleno prazer. Cantar ainda parecia muito difícil para ela, pois estava habituada a cantar em festas com várias pessoas, nunca sozinha, e para dançar sentia muitas dores.

Estávamos de tal forma envolvidos com aquela conversa que decidimos, nós, dançarmos para ela. Primeiramente cantamos algumas canções que normalmente usamos em nosso treinamento e depois acrescentamos cânticos que são seguidos de passos de dança. Ficaram todos felizes e agradecidos com a nossa performance e, quando percebemos, D. Maria também estava cantando para nós. Aproveitamos a visita para fazer uma massagem em seus joelhos, sempre tão doloridos.

Além das diversas fotos que fiz dela e das várias horas de gravação em fitas-cassete, exemplifico aqui nossa maneira de anotar, a partir de alguns trechos do caderno:

- *Mãos fortes, mas com uma dinâmica suave;*
- *respiração rápida e forte nos intervalos das falas, ou mesmo quando estava quieta só ouvindo;*

- enquanto escutava: gestos muito pequenos como "coçadinha" na cabeça, arrumada de cabelo, mão parada no nariz, pegando na unha, movimentos com a boca (bico);
- olhar sempre distante. Às vezes conversava como se estivesse usando técnica de triangulação - falava todo o tempo olhando para frente e, no final da frase, olhava para a D. Maria Luiza traduzir;
- às vezes ajeita "toalhinha" que fica dobrada no joelho;
- precisão nas ações das mãos;
- quando fala, somente os dentes de baixo aparecem;
- curiosidade com carros que passavam na rua - estica o pescoço;
- dedos dos pés muito abertos;
- pernas: paralelas esticadas à frente, um pé em cima do outro e os dois balançando, pé direito com sola fixa no chão e outra perna à frente;
- ri jogando a cabeça para trás;
- após as risadas seus olhos se enchem de lágrimas, que eram enxugadas com a "toalhinha";
- quando fica com vergonha, ri e tampa o rosto com a "toalhinha";
- também com vergonha, ombros para cima e pescoço encolhido;
- com as mãos como se estivesse segurando uma cunha e entregando para diversas pessoas;
- também usa a "toalhinha" para espantar os piuns (pequenos mosquitos);
- olha para o lado por cima do ombro;
- cabeça de lado enquanto está ouvindo ou pensando;
- mãos espalmadas na barriga;
- embola vestido entre as pernas;
- gestos grandes com as mãos e os braços ilustrando o que fala;
- ouvindo com cara muito brava, dedos indicador e polegar no queixo, e queixo encostado no peito;
- ou polegar encostado no nariz, como que cheirando o dedo;
- ou mãos em prece na boca, murmurando;
- brava: gestos diretos, secos, grandes, caretas, suspiros, sons, estica corpo para trás;
- respira fundo levantando os ombros e solta o ar de repente;
- espreme os olhos quando fala de sua tristeza e solidão;
- quando fica feliz, dá uns tapas fortes em nossos ombros;
- mostra os locais de dor e das antigas pinturas alisando com as mãos;
- ao caminhar: pernas Garrincha, barriga projetada, desencaixando quadril - pisa com a borda externa do pé;

- *imagem da partida: olhos baixos, tristes, abanando a mão em sinal de adeus, encostada no portão.*

Imagino que alguém ao ler uma frase como, por exemplo, “respira fundo levantando os ombros e solta o ar de repente”, não consiga entendê-la como uma ação específica da D. Maria, pois milhares de pessoas fazem essa mesma ação. Isso ocorre porque de fato é muito complicado encontrar as palavras precisas para definir uma ação, considerando-se a complexidade de fatores contidos na mesma: tempo, espaço, dinâmica, intensidade, intenção, tensão, velocidade, dimensão, além da composição física e toda a história contidas na pessoa que executa a ação. Neste caso, esse foi o vocabulário que encontramos para ressaltar algumas coisas importantes e que através das fotos e das gravações não seria possível detectar. Esse vocabulário é pessoal, mas nesse caso foi necessário encontrarmos uma terminologia que fosse funcional para os três membros da equipe.

A observação detalhada é fundamental para um trabalho de Mimesis Corpórea. Por isso, a frase “respira fundo levantando os ombros...” para mim está totalmente ligada à D. Maria e não a uma pessoa qualquer, pois eu tenho a memória de todos aqueles fatores que estão contidos nessa ação, além de ter outros dois registros importantes que me ajudam a reavivar essa memória.

Por outro lado, a Mimesis tem como característica interessantíssima a diversidade de possibilidades. Usando como pequeno exemplo o material que temos nesse caso: as anotações só têm utilidade para os atores que estiveram em contato com a pessoa observada, mas as fotografias e as fitas são documentos que podem ser utilizados por outro ator (ou pelos mesmos atores, mas com um enfoque diferente), pois desenvolvemos uma metodologia para trabalhar imitação a partir de fotos e de ação vocal, possibilitando a colagem, combinação e construção de um novo material. A obtenção de um material de Mimesis resultante da observação e imitação de um todo é apenas uma das maneiras de trabalhar a vasta possibilidade que a Mimesis nos dá.

Sr. Teotônio Ferreira - Havíamos recebido a informação de que uma pessoa ótima para conhecermos era um senhor de 100 anos, Sr. Teotônio Ferreira, um missionário salesiano que vivia junto com os

padres de São Gabriel. Ele era paulista, mas já estava a sessenta anos na Amazônia, onde ensinou muitas técnicas de agricultura.

Como no meu diário: “Esperávamos encontrá-lo na cama, mas ele estava rastelando o pomar; há várias árvores frutíferas que ele mesmo plantou e cultivava com todo carinho. Um velhinho muito magro e muito risonho. Fala muito, usa uma dentadura que faz um barulho danado e diz ser muito feliz. Escreveu um livro sobre as histórias da Amazônia e já foi citado em algumas revistas, que mostra com orgulho. Fala italiano e alguns dialetos indígenas e teve a oportunidade de conhecer o Papa Paulo VI. Ele nos presenteou com castanhas-do-pará colhidas de seu quintal”.

Fizemos duas visitas a ele e colhemos muitos dados para imitação. É perfeito quando encontramos alguém como o Sr. Teotônio, pois além de se encaixar perfeitamente nas características que estávamos procurando, ele nos dá possibilidades muito ricas de imitação. Ainda é uma pessoa ativa que anda e fala muito, produzindo, assim, um número enorme de ações físicas e vocais para serem imitadas. Essas qualidades enriquecem muito o material, principalmente em se tratando dos velhos, pois, como fazíamos as visitas na casa das pessoas, por várias vezes só tínhamos a oportunidade de observá-las sentadas.

Alguns meses após o nosso retorno da Amazônia, recebemos a notícia de que Sr. Teotônio havia falecido um mês após a nossa partida, por causa de uma forte pneumonia.

Agenor - Na rua conhecemos o Agenor, um índio da tribo Caman, tribo quase extinta, que hoje é composta por algumas famílias que moram na outra margem do rio, quase em frente a São Gabriel. Todos são alcoólatras e estão com suas vidas por um fio, pois o pouco que conseguem de esmola gastam com bebida. A população de São Gabriel parece estar mais interessada em que eles se extingam logo e parem de atrapalhá-los. Chegamos a ver rapazes dando risada do fato de terem dado esmola para alguns deles e eles terem gasto o dinheiro para comprar álcool etílico para beber.

O Agenor também bebe muito, mas tem momentos de lucidez fantásticos. Fizemos uma grande amizade com ele e sempre que o encontrávamos na rua, o chamávamos para comer conosco. A revolta por estar vendo o fim de seu povo fazia com que nos contasse histórias impressionantes a respeito do sofrimento de seus parentes. Por outro

lado, seu espírito infantil, embora já tenha 40 anos, fazia com que entrasse numa viagem emocionante pelo passado, contando-nos sobre sua infância e adolescência e nos mostrando habilidades, como o perfeito manuseio do arco-e-flecha. Seu tamanho (quase um pigmeu), sua barriga avantajada, seu jeito delicado de andar e gesticular, sua educação ao comer conosco à mesa, sua maneira de falar com a boca torta e quase em câmara lenta por causa da bebida, suas histórias e a amizade que criamos, fez dele um foco empolgante de observação.

Taracué

No dia 30 de abril pegamos uma voadeira em direção a Taracué, após duas horas de espera pelo Sr. Ambrósio, índio que nos levou até lá. Fomos nós três, o Sr. Ambrósio, uma senhora da Pastoral da Criança, que é uma entidade católica, e o motorista, que conhece cada detalhe daquele rio. Após nove horas de viagem chegamos a Taracué. Durante a viagem encontramos pouquíssimas comunidades ribeirinhas e em uma delas (Cunuri) paramos para almoçar. Foi nossa primeira experiência com a comida indígena: quinhampira (peixe cozido na água com muita pimenta), moqueado (peixe defumado sem qualquer tempero), beijú (goma feita com farinha de mandioca e depois torrada) e chibé (água com farinha de mandioca).

A paisagem é tão encantadora que as nove horas sentada num pedaço de tábua não pareceram tão longas. Além disso tivemos sorte por não termos pego um sol muito violento, o que para nós seria um sério risco de insolação.

Ao chegarmos em Taracué, uma comunidade indígena de aproximadamente trezentos habitantes, ficamos na beira do rio aguardando que o Sr. Ambrósio conseguisse com o capitão (antigo cacique) da comunidade uma autorização e um local para nos hospedarmos. Naquela noite ficaríamos no hospital e no dia seguinte seríamos transferidos para a casa de uma família. Foi uma sensação estranha chegarmos a um lugar diferente sem enxergar absolutamente nada e sem ter idéia de que tipo de lugar era aquele; a única coisa que víamos claramente era um maravilhoso céu estrelado.

Armamos nossas redes num quarto do hospital e tivemos uma noite péssima, pois ouvimos ruídos e vozes assustadoras durante toda ela. No dia seguinte e até em outros momentos da viagem ouvimos histórias de que Taracué é uma comunidade mal-assombrada e que

em especial aquele hospital, pois havia sido construído sobre um cemitério.

Fomos acordados com o convite da Irmã Rose para irmos à missa. Com o dia claro pudemos entender algumas coisas: em frente à essa pequena comunidade há uma igreja enorme, o colégio e o hospital, todos católicos. O hospital é, na realidade, somente um lugar limpo que abriga alguns idosos em situação deplorável, oferecendo a eles comida e soro, pois chegam pouquíssimos recursos até lá. Também compreendemos que o evento para o qual o Sr. Ambrósio tinha ido era organizado pela igreja: um encontro entre índios de várias comunidades próximas para discutirem e trocarem informações sobre medicina caseira e plantas medicinais. No primeiro dia ficamos meio presos com esse encontro, pois a Irmã nos obrigou a participar e a ajudá-la, exercendo o papel de secretariar o evento, ou seja, anotar as coisas que eram faladas. No dia seguinte conseguimos convencê-la de que precisávamos ir em busca de outras pessoas para desenvolvermos o nosso trabalho.

O contato com a Irmã teve muitas vantagens, pois ela nos apresentou em público para todas as pessoas que estavam na missa, o que correspondia praticamente a toda à comunidade e, além do primeiro dia de hospedagem, também nos alimentou em algumas refeições. Isso porque todas as pessoas que participavam do evento tinham o direito de almoçar e jantar no hospital durante aquela semana. Quando não tínhamos as refeições oferecidas por ela, nos alimentávamos de frutas colhidas do pé.

Na noite seguinte à nossa chegada, fomos transferidos para a casa do Sr. Antônio e de D. Albina, que nos receberam como membros de sua família. Passamos ao todo quatro dias em Taracúá, onde vivemos coisas como:

- *hospedagem numa casa pequena de pau-a-pique e chão de terra batida, dividindo o espaço com mais seis pessoas, sem água e sem condições de higiene;*
- *banho no rio e necessidades fisiológicas no mato;*
- *contato com índios bastante revoltados com os missionários, que invadiram o espaço deles, fazendo-os acreditar que suas crenças e atos eram coisa do diabo, e que agora tentam fazer com que recuperem o que já perderam;*

- *ajudamos algumas índias a descascar mandioca para o preparo do caxiri, que é a cerveja deles, bebida fermentada feita de mandioca;*
- *triste contato com índios muito embriagados;*
- *passeio de canoa por regiões da floresta cobertas de água, com o intuito de colher plantas medicinais com um índio que estava participando do encontro;*
- *confraternização com as crianças da comunidade, para quem cantamos e ensinamos diversas canções, pois eles somente sabiam cantar uma música da igreja;*
- *apresentação dos nossos clowns no último dia do encontro de medicina caseira;*
- *problemas sérios com alguns índios embriagados que nos abordaram pedindo dinheiro em troca de alguns cantos e que ameaçaram nos expulsar da comunidade;*
- *participação no ensaio para a festa feita para a visita do Prefeito, onde dançamos com eles as danças do mauaco e do carriçu e aprendemos a tocar o mauaco (tipo de flauta de bambu).*

No dia da festa para o Prefeito não pudemos dançar, somente olhamos. A festa que assistimos tem o nome de Dabucurí, que significa oferecer com comidas um visitante importante. Todos levam de suas casas comidas e bebidas, que são colocadas em uma enorme mesa. Também levamos o prato que nos foi possível preparar, arroz com sardinhas e salsichas enlatadas, que levamos em nossas mochilas. O ritual consiste em: os visitantes se dirigem à mesa e comem com a mão, enquanto as outras pessoas ficam ao redor sentadas; em seguida os anfitriões agradecem a presença do convidado e, no caso, despejam uma série de pedidos. Em segundo lugar os homens se dirigem à mesa para comer e, por último, as mulheres, que procuram encher umas panelinhas de comida para as crianças comerem em casa. Após a comilança, muita dança e bebida até não agüentarem mais.

Durante os dias que passamos em Taracuí, conhecemos muitas pessoas e observamos uma infinidade de ações delas, além de termos aprendido muito a respeito da vida dos índios Tukanos.

Evandro e Dona Maria Luíza - A família com a qual tivemos mais afinidade e vontade de estarmos juntos, foi a família do Evandro, principalmente ele, sua mãe (D. Maria Luíza) e sua avó (D. Maria Fernandes). D. Maria Luíza, então, nos convidou para passarmos um fim-de-semana numa comunidade indígena chamada Balaio, onde

vivem alguns membros de sua família. Fomos com ela de ônibus, se é que podemos chamá-lo de ônibus, numa viagem emocionante por uma estradinha de terra no meio da floresta, com pontes de madeira estreitíssimas. Durante o longo período de quatro horas que ficamos à espera do ônibus e durante a viagem, aproveitamos para fazer um tipo de observação que ainda não havíamos feito nessa viagem - observação à distância. Conversamos muito pouco com as figuras interessantíssimas que encontramos; estivemos mais preocupados em anotar as informações disfarçadamente, procurando não constrangê-las.

Balaio

Sr. Casimiro - Chegando a Balaio fomos logo apresentados ao Cacique, Sr. Casimiro, tio de D. Maria Luíza. Ele nos recebeu muito bem em sua maloca (grande cobertura com estrutura de madeira e teto de palha, sem paredes, onde são realizadas as danças indígenas). Na comunidade há um outro local para a realização de festas da igreja ou outras danças, como o forró. Balaio é uma comunidade com cerca de cem habitantes, mas a família de Seu Casimiro vive um pouco afastada da comunidade e prefere não participar muito das festas de lá. São todos Tukanos.

Tivemos um fim-de-semana maravilhoso, vivendo exatamente à maneira deles. Domingo era dia das mães, e as mulheres estavam preparando caxiri (cerveja) para a festa. Um pouco antes do sol se por, tomamos banho no rio sem pudores com a nudez e começamos a tomar maniçuera, que é a água da mandioca, na metade do preparo do caxiri. O Cacique disse que sua casa era muito pequena e que então dormiríamos na maloca mesmo, sem o menor perigo de onça, lobisomem ou curupira, pois ele já havia feito o benzimento necessário. Armamos nossas redes um pouco amedrontados, mas quando escureceu, toda a família juntou-se a nós, cada um com sua rede. Foi um momento mágico. Iluminados pela luz do fogo que preparava o caxiri, começamos a ouvir e a contar e cantar histórias e canções. Algumas horas depois eles estavam nos chamando de irmãos e nos convidando a construir nossa casa ao lado das deles.

Passamos muito frio aquela noite e eles quase não dormiram, ocupados com o preparo do caxiri. O Cacique saiu para tomar seu banho à 1:00 h da manhã. Ele disse fazer isso todos os dias como um

exercício de coragem, contra o envelhecimento precoce e para perder o orgulho e adquirir humildade.

O dia seguinte não foi tão bom, pois os festejos do dia das mães foram realizados no salão da comunidade e os homens ficaram bêbados muito rapidamente, gerando um clima tenso e desarmonioso. Também fomos obrigados a comer uma infinidade de coisas estranhas e misturadas de maneira pouco convidativa. Poderíamos ter aproveitado para investirmos em imitações de bêbados, mas estávamos com medo e precisando apartá-los todo o tempo, pois além de nos assediarem, mandavam recados para o Presidente da República, pedindo que olhe por eles, que lhes dê melhores condições de vida, etc.

Wagner - Quando já estávamos à espera do ônibus para irmos embora, vimos a cena mais impressionante de toda a viagem. No diário: “Às 15:00 hs estávamos com tudo pronto e fomos para a beira da estrada esperar o ônibus debaixo de muito sol. Quando estávamos lá, vimos um rapaz de mais ou menos 16 anos, muito bêbado, atravessando a ponte e dizendo coisas contraditórias como ‘eu sou Yanomami, eu sou filho do alemão; o meu pai é índio; eu vou te matar, Josué’. O nome dele é Wagner e nos disseram ser filho de uma Yanomami com um alemão. Sua mãe vive em Maturacá, mas ele foi para Balaio estudar. Os outros rapazes tiram ‘sarro’ dele por ele ter a pele mais clara e os traços diferentes, mas ele é muito bonito. Foi muito difícil controlar a fúria daquele menino, e ficamos com muito medo dele conseguir nos machucar, pois o Jesser ficou uma hora no corpo-a-corpo com ele. Em alguns momentos ele escapava e corria com um pau enorme na mão, como fazem os Yanomamis. Também ficamos preocupados com a possibilidade de que entrasse em coma alcoólico, pois babava muito e já não articulava as palavras”. O ônibus passou e fomos obrigados a deixar a situação nas mãos do Cacique.

Do contato com os índios ficou a imagem de um povo totalmente inseguro em relação às suas vontades e ao seu futuro. A igreja católica impôs sua doutrina aos mais jovens, mas agora assume ter cometido muitos erros e tenta corrigi-los mais catastroficamente ainda. Dizem aos índios que eles precisam resgatar sua cultura, mas estes já não encontram mais os elos. Por um outro lado, já tiveram acesso (ainda que só de ouvir falar) ao desenvolvimento, e também querem ter a vida que eles imaginam ter o restante da população brasileira. Por essas e outras, estão destruídos, perdidos. Poucos

conseguem trabalhar e a grande maioria tem fome e alcoolismo em níveis altíssimos. Em outras regiões da Amazônia a situação não é diferente, mas a igreja católica perdeu seu domínio para os evangélicos.

O período da viagem descrito até aqui diz respeito ao contato com pessoas, em sua maioria índios, do Alto Rio Negro. O encontro com as populações indígenas do Rio Uaupés, na divisa com a Colômbia, e as populações ribeirinhas do Médio e Baixo Rio Negro, em sua maioria caboclos, é um outro longo capítulo desta história.